

ESPAÇO DE FÉRIAS, ARTE, CULTURA, ESPORTE, AMIZADES, LAZER, APRENDIZADO, INFÂNCIA...

O Espaço da infância

Ser criança - privilégio de alguns ou direito de todos?



Acadêmica: Carime Engels

TCC 1
2006.2

Orientador: Américo Ishida

"...Mas as coisas mais importantes não são ensinadas por meio de aulas bem preparadas. Bom seria que os educadores lessem ruminativamente (...) o Roland Barthes. Ele descreveu o seu ideal de aula como sendo a criação de um espaço - isso mesmo! Um espaço! - parecido com aquele que existe quando uma criança brinca ao redor da mãe. Explica. A criança pega um botão, leva para a mãe. A mãe ri e faz um corrupio (...) Pega um pedaço de barbante. Leva para a mãe. A mãe ri e lhe ensina a fazer nós. Ele conclui que o importante não é o botão nem o barbante, mas esse espaço lúdico que se ensina sem que se fale sobre ele."

Rubem Alves, em "A escola da Ponte"

INTRODUÇÃO.....	Pg. 4
CONCEITOS.....	Pg. 6
REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS.....	Pg. 9
□ PROGRAMA.....	Pg. 10
□ TERRENO.....	Pg. 11
BIBLIOGRAFIA.....	Pg. 12

“Mas há algo que a ciência não pode fazer. Ela não é capaz de fazer os homens desejarem plantar jardins. Ela não tem o poder para fazer sonhar. Não tem, portanto o poder para criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem o poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo. São os sonhos de beleza que têm o poder de transformar indivíduos isolados num povo”.

Rubem Alves

O grande problema da sociedade em que vivemos é a gritante desigualdade social. Uma enorme parcela da população é simplesmente excluída da economia e cidade formais, movimentando um completo “universo paralelo” com infra-estruturas, métodos e regras próprias, enquanto por outro lado outra enorme parcela da população nem sequer se dá conta da gravidade do problema, percebendo dessa exclusão só os sintomas mais escancarados: o aumento gradativo do crime e da violência. Esse processo ocorre em todos os níveis da sociedade - da escala municipal à mundial pode-se identificar grupos de “incluídos” e grupos de “excluídos”.

O primeiro passo para a mudança desse quadro é a conscientização - é preciso que cada indivíduo se dê conta que não é “natural”, “normal” ou até “aceitável” que as pessoas já nasçam estigmatizadas - positiva- ou negativamente.

No entanto, isso pede uma mudança drástica da sociedade, processo que leva muito tempo... Desde cedo, o indivíduo é encaixado num perfil social - classificação esta tão rígida quanto as castas indianas, porém não assumida - e resulta praticamente impossível mudar de “casta”.

A escola é a primeira instituição a “marginalizar” a criança favelada, e a “centralizar” os filhos da elite. Onde em tempos passados as crianças brincavam nas ruas, constituindo um processo natural de aprendizado pela convivência com outras crianças, hoje esse intercâmbio praticamente não ocorre mais - como causas podemos apontar o aumento da violência, a popularização do computador e do videogame, a segregação espacial da cidade, etc. Nesse contexto, as escolas funcionam como uma espécie de filtro (escola de rico - escola de pobre. escola privada - escola pública) garantindo que cada indivíduo permaneça em sua devida classe social.

Nesse tempo de exclusão, se faz necessário um espaço que substitua justamente essa rua, um espaço onde pode haver a troca, o intercâmbio, o conhecer do outro, do diferente. Um espaço para se divertir, aprender, brincar e socializar. Só conhecendo o outro é que se pode “tomar consciência das semelhanças básicas entre todos os seres humanos e aprender a conhecer e apreciar as diferenças existentes.”(C/IV)

Dando forma a esses pensamentos, imagino um espaço de férias educativo, que ofereça a vivência da infância no seu mais pleno sentido, constituindo um processo de aprendizado permanente. Um espaço, onde a criança poderá vislumbrar a possibilidade de um outro mundo - absolutamente livre de preconceitos ou discriminações: aberto a todos, sem distinção de sexo, raça, religião, etnia, filiação política, situação sócio-econômica, ou qualquer outra. Um espaço, onde crianças das mais diversas origens poderiam viver uma experiência e um aprendizado únicos.

"Somos assim, enquanto educadores e educadoras, provocados a pensar no desafio da inclusão, no trabalho do professor com a diferença e nas possibilidades que temos de trabalhar sistematicamente contra a exclusão na escola e na sociedade.

...

A inclusão diz respeito a ocupar todos os espaços, a conviver valorizando as relações interculturais que promovem o enriquecimento de todos.

...

Ela se prepara, tanto em termos físicos (mobiliário, espaço físico etc.) quanto em termos pedagógicos para receber e atender todo tipo de aluno, respeitando suas diferenças e educando de acordo com o ritmo e as possibilidades de cada um, que não são pré-dados, mas resultado da construção histórica, social e cultural.

...

A educação intercultural (...) consiste na criação de situações espaciais e temporais, concretas e específicas, para o encontro das diferentes pessoas e das diferentes culturas.

...

A escola necessária em tempos de exclusão, (...) é aquela que (...) contribui para criar condições locais, nacionais e planetárias para a globalização dos direitos, da integração cultural, da democratização do acesso às conquistas da humanidade, da cidadania."

Antunes e Padilha

O TEMA

No TCC 2 pretendo desenvolver o projeto arquitetônico de um espaço lúdico para o encontro, o lazer e a educação. Neste espaço, crianças de mais diversas origens (tanto em termos financeiros quanto culturais) na faixa etária dos 7 aos 10 anos participariam de encontros com duração de umas três semanas, com o intuito de promover o intercâmbio cultural e as trocas sociais.

Neste contexto, a partir de atividades lúdicas, temas como sustentabilidade, artes, comunicação e relações humanas, literatura, consciência ambiental e social seriam abordados.

A seguir, exponho alguns conceitos orientadores do projeto.

A INFÂNCIA

Objetivo último do espaço proposto é ser justamente aquele onde a infância se realiza, com toda a aprendizagem informal decorrente.

O CORPO

O corpo é o centro de tudo, de todo aprendizado, de toda percepção...

O explica muito bem Rubem Alves, no seu livro *“Conversas com quem gosta de ensinar”* (p. 56): “É este obstinado esforço de retornar ao corpo que me impõe uma outra decisão, que passo a confessar. Como já disse, a economia pragmática e libidinal do corpo só retém os conceitos que funcionam como extensões de si mesmo ou que tenham uma função lúdica: eficácia e prazer. É justamente neste ponto que se insere a questão da dificuldade da aprendizagem. O que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado. (...) Quanto mais separado da experiência um determinado conteúdo, maiores e mais complicadas as mediações verbais.”

É a partir do corpo, da vivência, que se dará o aprendizado no espaço proposto.

VINCULOS

Na sociedade atual, as pessoas estão cada vez menos aptas a estabelecer vínculos. Por N razões (entre elas, os novos meios de comunicação, a facilidade de deslocamento, as mudanças nos valores e na maneira de pensar) as relações interpessoais estão tornando-se cada vez mais efêmeras.

Proponho a valorização e estímulo dos vínculos afetivos, para que estes tenham continuidade até mesmo depois de acabadas as férias. Haveria um espaço da memória, um caderno de lembranças, etc., Para que a criança pudesse sempre retornar à lembrança da experiência vivida.

DIVERSIDADE

A diversidade, o intercâmbio, as trocas, a convivência harmoniosa...Fortalecer a auto-estima da criança e o respeito mútuo, por conhecer e valorizar as diferenças existentes. Aprender que as diferenças que as roupas, a materialidade trazem são mínimas, enquanto as diferenças culturais são preciosas.

A LINGUAGEM

“ A regeneração da linguagem seria um nome não inadequado para o verdadeiro processo de Revolução”.

Eugene Rosenstock-Huessey

Toda criança possui inúmeras maneiras de se expressar. Não é só a língua falada que elas dominam; além dela, crianças se expressam em sons, movimentos, pinturas, esculturas em massinha, construções, e muito mais. Toda criança nasce cheia de possibilidades, variadas e criativas.

Ao crescer, porém, a sociedade vai modelando e cortando as asas das crianças: elas aprendem o que falar, a que hora falar e como falar.

Segundo Rubem Alves, *“Educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. E ele é mediado pela linguagem. Aprender o mundo humano é aprender uma linguagem porque, “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”(Wittgenstein, Ludwig, op. Cit., parágrafo 5.6, p.111)”* (Alves, Rubem, *Conversas com quem gosta de ensinar, p. 72*)

Mais do que aprender como, o que e a que hora falar, a criança muitas vezes é ensinada justamente a não falar, não dar sua opinião, ficar quieta e aceitar passivamente aquilo que é determinado. Isso é determinante no processo de formação da sociedade – como já observaram Paulo Freire e Sartre, o que caracteriza o oprimido é a sua incapacidade para falar e o seu medo de fazê-lo.

A linguagem ocupará uma posição central no projeto - a quebra dos limites estabelecidos pela linguagem, assim pelo contato com vários idiomas como pelo contato com formas alternativas de expressão, dando às crianças espaço, liberdade e incentivo para que todos falem e se escutem.

Segundo os mestres Zen, era preciso desensinar "para que os discípulos pudessem ver como nunca tinham visto. Nietzsche dizia que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. Ver é coisa complicada, não é função natural. Precisa ser aprendida. Os olhos são órgãos anatómicos que funcionam segundo as leis da física ótica. Mas a visão não obedece às leis da física ótica. Bernardo Soares: "O que vemos não é o que vemos, senão o que somos". É preciso ser diferente para ver diferente. Mas, e o "Ser"? Ele é feito de quê? "Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo", dizia Wittgenstein. O "Ser" é feito de palavras. Prisioneiros da linguagem, só vemos aquilo que a linguagem permite e ordena ver."

Rubem Alves

A ESCOLA DA PONTE

A Escola da Ponte é uma escola pública localizada em Vila das Aves – uma pequena cidade ao norte da cidade do Porto. Trata-se de uma escola pública, montada há 30 anos pelo educador José Pacheco, decorrente da ideologia de que uma outra educação é possível, que respeite a individualidade e autonomia das crianças em vez da tradicional “linha de montagem” dos programas a serem cumpridos. Não segue nenhuma linha pedagógica estabelecida: influenciados pelo movimento da Escola Nova, por pensadores da educação como Piaget e Freinet, foram descobrindo o caminho a partir da experiência.

A base de tudo é a liberdade: não há classes, salas de aula, provas ou professores determinados, ensinando matérias determinadas a alunos padronizados. Os alunos têm a liberdade de estudar aquilo que querem na hora que querem: montam grupos de estudo do jeito que acham conveniente (com integrantes de todas as idades, o único vínculo sendo o afeto...) e escolhem um tema a ser estudado em 15 dias, com ajuda dos professores (que estão sempre à disposição para ajudar os alunos) e dos meios de pesquisa como internet, livros, jornais, etc. O interessante é que o aprendizado assim se dá pelo interesse e pela vivência do assunto estudado, fazendo com que os alunos não esqueçam depois...

Apesar de tratar-se de uma escola e o meu projeto ter um caráter menos duradouro, a experiência da Escola da Ponte serve como fonte de inspiração de liberdade, didática e sensibilidade para com as crianças.

OUTRAS ESCOLAS

Há uma série de instituições de ensino pelo mundo todo que, cada uma a sua maneira, tentam rever os métodos de ensino, estimulando a autonomia e individualidade dos alunos. Summerhill, Sudbury Valley School, Iederwijs, Pestalozzi e inúmeras outras escolas inspiram e ensinam um novo olhar sobre a educação, quer seja encarando a escola como um grande atelier, quer seja pela simples visão que o aprendizado não é um processo linear, e que para o pleno desenvolvimento do indivíduo é essencial haver tempo e espaço para sentar e sonhar...

CISV

Outra referência importante para este trabalho é a ONG *Children's International Summer Villages* (CISV). Ela é *“Uma organização internacional independente, voluntária, apolítica e não-religiosa que promove a EDUCAÇÃO PARA A PAZ e a AMIZADE INTERCULTURAL.”* Sediada na Inglaterra, organiza colônias de férias internacionais para crianças e adolescentes. É inspiradora pelo caráter internacional, pelo objetivo e pelo método de lutar por um mundo melhor.

"Na escola da ponte o mais importante que se ensina é esse espaço. Nas nossas escolas: salas separadas – o que se ensina é que a vida é cheia de espaços estanques; turmas separadas e hierarquizadas – o que se ensina é que a vida é feita de grupos sociais separados, uns em cima dos outros. Consequência prática: a competição entre as turmas, competição que chega à violência (os trotes!). Saberes ministrados em tempos definidos, um após o outro: o que se ensina é que os saberes são compartimentos estanques (e depois reclamam que os alunos não conseguem integrar o conhecimento. Apela então para a chamada "transdisciplinaridade", para corrigir o estrago feito. O que me faz lembrar um filme de O Gordo e O Magro. Ainda falam sobre o tal filme, Queijo suíço.... - Ah! Uma vez cometido o erro arquitetônico, o espírito da escola já está determinado! Mas nem arquitetos nem técnicos da educação sabem disso...

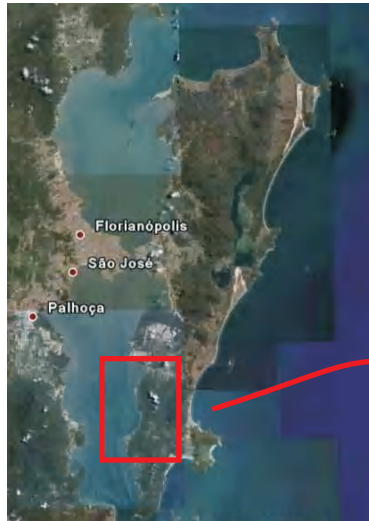
Rubem Alves, em "A escola com que sempre sonhei sem
imaginar que pudesse existir"



A área escolhida para a localização do projeto é a Ponta do Caiacangaçú, no distrito do Ribeirão da Ilha, Florianópolis – SC. O nome é muito antigo, deriva do tupi-guarani e significa “ponta de terra sobre o mar que tem uma cabeça grande de macaco”.

A localização é ideal, pois é uma região tranqüila sem ser de difícil acesso, de excepcional beleza natural e enorme potencial para o lazer. Está próximo do Parque da Lagoa do Peri, da freguesia do Ribeirão da Ilha e, pelo mar, do Parque estadual da Serra do Tabuleiro, possibilitando uma gama de opções de passeios culturais, ambientais e esportivos.

Tudo isso, além da presença de duas belíssimas praias de águas calmas, cujo valor é incontestável.



Fonte: Google Earth



Fonte: Google Earth



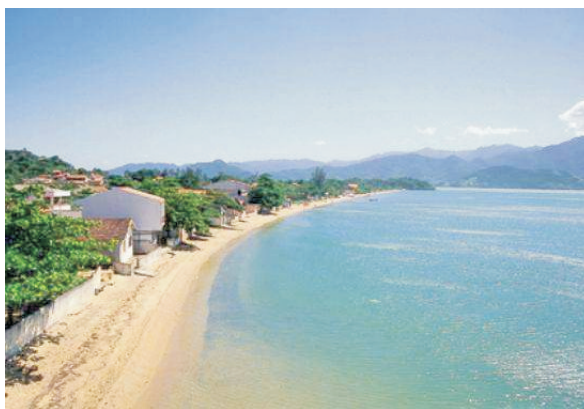
Fonte: Google Earth



Praia de Fora



Vista a partir do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha



Praia do caicangaçú

Fonte: www.florianopolisturismo.sc.gov.br/lazer_cultura/praias/_html/caiacanc.html



Vista da estrada a partir do terreno



Vista do mar a partir de área elevada do terreno

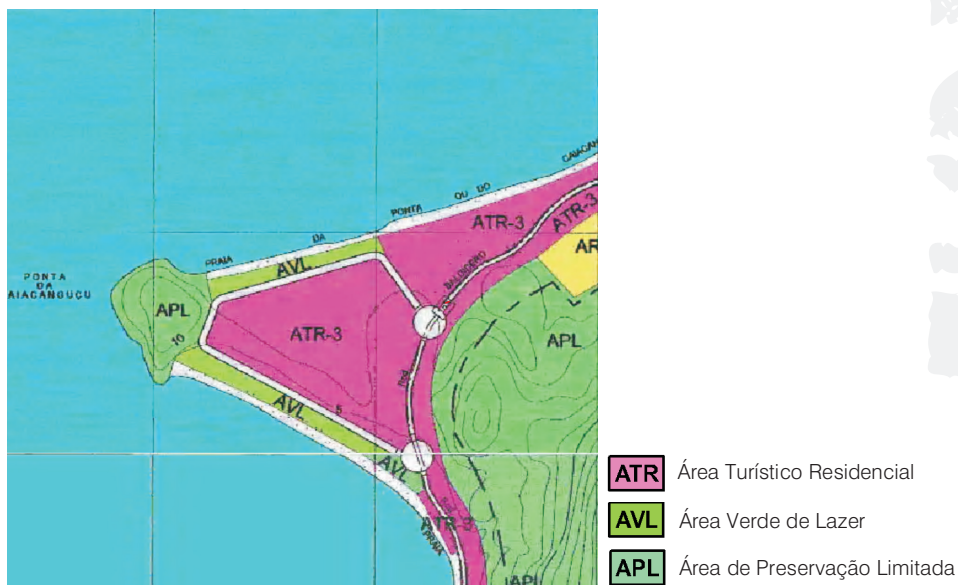
Trata-se de uma área de extrema delicadeza, pois possui um sambaqui, e é portanto denominada de "Sítio Arqueológico", Patrimônio Nacional e reserva da cultura Carijó. Também pelo Ibama a área é classificada como de preservação permanente, pois possui vegetação de restinga fixadora de dunas em estágio médio de regeneração, assim como trechos de mata atlântica.

O IPUF, porém, classifica a área, na sua maioria, como ATR-3 (Área Residencial Turística), e até planeja a passagem de uma rua (vide imagem).

Assim sendo, apesar de ser uma área em que qualquer ocupação é polêmica, proponho aqui a localização do projeto.

Em primeiro lugar, por se tratar de um projeto de uso público e com enfoque social.

Segundo, porque acredito que a melhor maneira de preservar é dar utilidade: um terreno abandonado é facilmente invadido e degradado (já se percebe a intervenção humana próximo à rua). Esta ocupação indevida e descontrolada pode ser evitada, ocupando o terreno conscientemente, com organização e planejamento, e acima de tudo respeito pelo valor ambiental, paisagístico e histórico do local.



Mapa de zoneamento (fonte: IPUF)

- ALVES, Rubem. A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 5.ed. Campinas: Papirus, 2003. 120p.
- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. 24.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. 104p.
- ANTUNES, Celso. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. 8. ed. Petropolis: Vozes, 2000. 295p.
- ARMSTRONG, Thomas.; GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas na sala de aula. 2.ed. Porto Alegre: ArtMed, 2001. 192p.
- KORCZAK, Janusz. Quando eu voltar a ser criança. São Paulo: Summus, 1981. 155p.
- LEAL, Antonio. Fala Maria favela : uma experiencia criativa em alfabetização. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1980. 101p.
- LENGEN, Johan Van. Manual do arquiteto descalço. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, c2004. 697p.
- RIVERO, Roberto. Arquitetura e clima: acondicionamento termico natural. 2a ed. rev. e ampl. Porto Alegre: D. C. Luzzatto Editores, 1986. 239p.

- <http://novaescola.abril.uol.com.br/>
- www.anaba.com.br
- www.cisv.org
- www.florianopolisturismo.sc.gov.br/lazer_cultura/praias/_html/caiacanc.html
- www.idhea.com.br
- www.iederwijs.nl
- www.lpp-uerj.net/olped/
- www.rio.rj.gov.br/sme/leia_tambem/iha.htm
- www.sudval.org
- www.summerhillschool.co.uk
- www.waldorf.com.br
- www.pt.wikipedia.org/wiki/Escola_da_Ponte